

A ‘nova direita’ legislativa vai ao Twitter: identidades políticas e sentidos em rede¹

Marcelo dos Santos MARCELINO²
Richard ROMANCINI³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Neste artigo, apresentamos alguns resultados de uma pesquisa sobre os jovens representantes da “nova direita” no âmbito legislativo, com ênfase sobre as práticas comunicativas no Twitter. Por meio de uma coleta sistematizada dos posts públicos dos perfis de três jovens eleitos nas últimas eleições (Fernando Holiday, Douglas Garcia e Kim Kataguiri), estruturamos os conteúdos de acordo com as ideias-força e campos semânticos que pertenciam, seguindo a metodologia proposta por Messenberg (2017). Em nossa análise, destacamos como os campos semânticos e as ideias-força se inter relacionam para construir a identidade política de cada um. Além disso, apontamos duas dimensões estruturantes da identidade política da direita jovem: o reducionismo das discussões políticas e sociais complexas e a postura antiestablishment no legislativo.

PALAVRAS-CHAVE: nova direita; jovens; legislativo; Twitter; comunicação.

Introdução

Diante da ascensão das direitas no Brasil e outros países, o campo da comunicação ganha relevância ao trazer contribuições relevantes para o tema, em especial se considerarmos a centralidade da mídia na discussão. Aliás, é por conta dos processos e dinâmicas políticos operadas pela/a partir da mídia que um grande número de estudiosos e estudiosas direcionam esforços para tentar dar conta de uma nova e complexa realidade social. Na comunicação isso não seria diferente, especialmente se considerarmos a capacidade do campo em oferecer uma releitura dos fenômenos, questões sociais e disciplinas tradicionais à luz das transformações tecnológicas da comunicação e informação (SODRÉ, 2014, p. 35), com destaque para a mídia e rede eletrônica. Não há dúvidas de que as redes digitais acabam por tomar a centralidade de

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da ECA/USP e bolsista do Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo (PUB-USP), e-mail: marcelo.marcelino@usp.br

³ Professor do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP e orientador do trabalho, e-mail: richardromancini@usp.br

processos políticos e eleitorais, como podemos notar nos escândalos envolvendo grandes corporações, como o Facebook⁴. Neste artigo, destacamos alguns resultados de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida no âmbito do Programa Unificado de Bolsas da USP (PUB/Edital 2019-2020).

Na pesquisa, investigamos as práticas comunicativas dos jovens da “nova direita” no âmbito legislativo, representantes de um fenômeno curioso no pós-redemocratização: jovens de até 30 anos declaradamente de direita que ganharam relevância em movimentos sociais voltados a redefinir os rumos da política e as formas de fazê-la. Utilizando-se das mídias digitais e na crescente onda conservadora brasileira, esses novos atores são oriundos de coletivos de renovação não diretamente ligados à esfera institucional, mas a organizações consideradas autônomas em sua forma de atuação e financiamento⁵. Entre elas, citamos duas no cenário político brasileiro: Movimento Brasil Livre (MBL) e Direita SP (agora Movimento Conservador). Esses grupos ajudaram a eleger três candidatos do Estado de São Paulo para os três níveis do Poder Legislativo: Fernando Holiday (antes DEM, agora Patriota), vereador na Câmara Municipal de São Paulo eleito em 2016; Douglas Garcia (antes Patriota e PSL, agora PTB), eleito deputado estadual na Assembleia Legislativa do Estado em 2018; e Kim Kataguirí (DEM), líder do MBL e eleito deputado federal também em 2018. Ainda que filiados a partidos tradicionais, a ascensão deles se deu a partir de movimentações anteriores às eleições que disputaram, como nas manifestações convocadas em 2014.

O sucesso desses três jovens nas eleições surpreende não somente pela idade e inexperiência na vida pública, mas pela forma com a qual muitos deles se utilizaram das mídias digitais para comunicar suas pautas. O perfil de cada um deles representava na época certo contrassenso ao que se espera dos jovens cuja trajetória de vida foi acompanhada pela desigualdade, como a de Holiday, jovem negro de Carapicuíba - SP e o primeiro vereador eleito abertamente gay na Câmara⁶; e Garcia, jovem negro e gay de Americanópolis, comunidade da periferia da cidade de São Paulo. As pautas defendidas por ambos, por exemplo, são vistas como contraditórias, pois atacam diretamente os grupos dos quais fazem parte. Garcia, por exemplo, é um forte apoiador do presidente

⁴ “Vazamento de dados do Facebook causa tempestade política mundial”. El País Brasil, 20.03.2018.

⁵ Isso é contestado por alguns autores no decorrer das suas pesquisas, especialmente por Santos Júnior (2016) e Rocha (2018).

⁶ Câmara Municipal de São Paulo - vereador Fernando Holiday:

<<http://www.saopaulo.sp.leg.br/vereador/fernando-holiday/>>. Acesso em 07 de Outubro de 2020.

Jair Bolsonaro, que historicamente se mostrou antagônico às bandeiras e lutas por reconhecimento. No entanto, para ele não existe contradição, uma vez que o jovem de periferia tem “afinidade natural” com as propostas de direita⁷. Holiday, por sua vez, desde o início é abertamente defensor do fim das cotas raciais, além de ter um discurso contrário a um suposto “vitimismo” da esquerda e dos movimentos sociais em favor do liberalismo, algo elogiado por alguns setores da direita⁸.

Na pesquisa, levamos em conta que as redes digitais e as estratégias de produção de conteúdos foram desenvolvidas não apenas como mecanismo para a vitória eleitoral, mas permanecem e se atualizam com as movimentações na política. Portanto, pensar as redes e os movimentos desses atores tem a ver com uma tentativa de entendê-los enquanto representantes dos seus eleitores e das propostas nas no legislativo.

De antemão, pode-se dizer que a presença de grupos e pessoas com orientação político-ideológica de direita nos meios de comunicação não é novidade, como bem aponta Lima (2015) ao falar sobre as posições de jornalistas de direita nos veículos de comunicação tradicionais ao longo da história do processo de implantação da TV e outros meios no Brasil, hegemonicamente dominados por grupos empresariais. No entanto, o contexto brasileiro desde 2013 parece acrescentar novos implicadores a qualquer análise, pois é paradigmático ao apresentar (ou deixar mais evidente) uma série de rupturas, como a crescente difusão das mídias digitais na política e a participação crescente dos usuários na geração de conteúdo espontâneo (SANTOS JÚNIOR, 2016), além da ascensão do populismo liberal amplamente patrocinado por fundações e direitas globais (SANTOS, 2019, p. 17)⁹. De antemão, devemos ter em mente que as mídias digitais, antes de algo abstrato que rege “influências” sobre uma outra realidade completamente distante, são na verdade parte constitutiva da realidade social, portanto, não é “algo que está ali”, como observa Amadeu (2015, p. 215).

Os novos contornos da direita brasileira: política e afeto

⁷ “Grupo de direita da periferia de SP cresce com linha dura e polêmicas”. Política - Notícias Portal UOL. 07. 07.2019.

⁸ “Como? “Negro, gay, MAS contra cotas e livre da pauta LGBT?” O que esse “mas” faz aí. Ou: O acerto do MBL”. Reinaldo Azevedo. Revista Veja. 4 out. 2016. Acesso em 31 out. 2020.

⁹ Em sua dissertação, Santos (2019) questiona a ideia de que a “nova direita”, protagonizada sobretudo pelo MBL, tenha ocupado um “vácuo” no espaço no regime de visibilidade tecnicamente ampliado. Segundo o autor, a ascensão desses movimentos políticos tem mais a ver com o apoio das fundações norte-americanas para instituição de um “populismo liberal” que se apropria fundamentalmente da estética e linguagem dos memes.

A ascensão da direita no mundo, percebida na vitória de candidatos de extrema-direita como Donald Trump (EUA) e Jair Bolsonaro (Brasil) nas eleições para presidente, não é novidade para ninguém. O que chama a atenção nessa nova configuração global, para além das ideias radicais defendida por esses eleitos, são os novos contornos da discussão sobre a “nova direita” no mundo, a saber: I) as possibilidades de articulação política para além da esfera institucional dos partidos e das organizações representativas tradicionais, em destaque as movimentações feitas a partir das mídias sociais e a formação de públicos afetivos (SANTOS, 2019); II) a centralidade ocupada pela mídia e seus processos sociais, em específico o consumo do que é circulado; III) a maior visibilidade de atores que, a priori, indicam um contrassenso ao que se espera deles e suas identidades.

Nesse sentido, a revisão bibliográfica buscou contemplar os movimentos da “nova direita” nas mídias digitais, destacando na exposição as problematizações do percurso da pesquisa e da análise, de modo a reconhecer os limites e virtudes para o campo da comunicação. Destacamos também a pertinência das perspectivas que possam não reduzir o objeto ou os sujeitos em classificações absolutas, especialmente quando nossos questionamentos se dão a partir dos enunciados coletados no decorrer da pesquisa. Em termos de comunicação e linguagens, isso significa compreender as questões que se apresentam também a partir da dimensão sensível, distante do “paradigma verifuncional”, discutido por Sodré (2016, p. 65) a partir de Herman Parret. Nesse perspectiva, o sujeito falante, social e comunitário é reduzido a “um comunicador ou informador, apoiado apenas na relação do discurso com as suas circunstâncias referenciais” (SODRÉ, 2016, p. 65), portanto, ausente de motivações e modalizações próprias.

Nessa concepção, inexistente uma atenção rigorosamente dedicada à compreensão do sensível em sua dimensão social e política. Essa questão que aqui colocamos não diz respeito a uma tentativa de evocar o plano das expressividades emotivas individuais ao centro do debate sobre o fenômeno que analisamos, e sim em considerar o plano do sensível (afetos e afecções) como um terreno também digno de atenção, portanto cabível da legitimidade tal como conferida para a atividade de ordem racional. No caso estudado, podemos pensar os usos e apropriações feitos dessas experiências, bem como as associações às imagens que circulam e são partilhadas no senso comum.

Ainda que essa discussão esteja aberta a muitas problematizações e questões por parte de várias áreas do conhecimento, ela é produtiva porque “introduz o afeto no debate das Ciências Humanas e das linguagens sobre as novas configurações advindas das mutações tecnológicas e da conversão da vida social à lei do mercado” (SODRÉ, 2016, p. 69). Na pesquisa que traçamos, tal referência pode ser compreendida como uma tentativa de nos distanciarmos de uma análise voltada essencialmente ao cálculo utilitário eleitoral, mais preocupada em verificar como se dão os ganhos de votos pela potencialidades retóricas e assuntos mobilizados por candidatos durante a campanha¹⁰.

Mídias sociais digitais: por dentro das dimensões constitutivas da realidade

Fundamentalmente, consideramos as mídias sociais como parte constitutiva da realidade social, e não uma dimensão agregada ou complementar. Pensar dessa maneira significa deixar evidente que elas compõem o cotidiano e introduzem novas formas de sociabilidade. Como bem observado por Amadeu (2015, p. 215), as redes digitais devem ser entendidas a partir de suas múltiplas ambivalências, ou seja, muito além do maniqueísmo bom/ruim. Reconhecemos as mídias digitais como espaços que favorecem a interação, expressão, trânsito e articulação de ideias tanto conservadoras quanto progressistas: “(...) a internet aumenta o poder de quem se propõe articular suas ideias e realizar conversações. Não aumenta só o poder de quem defende a democracia, a justiça ou as causas mais caras para a humanidade” (AMADEU, 2015, p. 215).

As redes oferecem, portanto, possibilidades para novos atores serem adicionados ao terreno de disputa de sentidos, o que não necessariamente nos leva a pensar que esse novo contexto será democrático ou benéfico para todos. Se entendermos as mídias enquanto infraestruturas de conexão Couldry (2019, p. 13), com lógicas de gestão da informação próprias, observamos que as redes, no intuito de ligar pessoas fundamentalmente pelo tempo, são capazes também de produzir uma infinidade de outras implicações no tecido social, especialmente no que se refere a relações de poder.

É no olhar sobre essas implicações que Couldry (2019) desenvolve a noção de que é imperativa a necessidade de pensar a mídia ecologicamente, ou seja, entender que na possibilidade real de conectar bilhões de pessoas ao mesmo tempo e permitir a elas

¹⁰ No entanto, deve-se destacar a importância das pesquisas e reflexões que levam em conta essa perspectiva. Inclusive muitas delas, em sua crítica, nos ajudam a alargar a compreensão da realidade que vivemos.

fazer quase tudo o que querem (COULDRY, 2019, p. 30), há uma infinidade de matizes a considerar. Assim, a análise não deve restringir-se unidirecionalmente ao que a mídia é capaz de fazer com as pessoas ou ao que elas fazem com as mídias, mas conceber a existência de um duplo movimento, que vez ou outra pode caminhar em direções político-ideológicas semelhantes, como acontece na história e em nossas dinâmicas de poder: “Através das conexões que elas possibilitam, as mídias alteram o presente, mas sempre com base no passado” (COULDRY, 2019, p. 31-32, tradução nossa).

Observamos no contexto nacional uma série de mudanças na história recente que ajudam a pensar as novas direções da direita brasileira. Sérgio Amadeu (2015) aponta que o sucesso dela nas mídias sociais se deve muito à dificuldade da própria esquerda em se articular e desenvolver estratégias de relacionamento dos espaços digitais, além do distanciamento dos movimentos de base. A preocupação com o “centralismo democrático” (AMADEU, 2015, p. 218), manifestada nas tentativas de estabelecer bases de poder no campo das instituições tradicionais, deixou de lado a possibilidade de articular junto às camadas de apoio originárias movimentos de desconstrução do reacionarismo presentes no senso comum (AMADEU, 2015, p. 225). Essa dificuldade indica entraves para a organização política e social, pois a internet é entendida como espaço de disputa e mobilização (AMADEU, 2015, p. 223).

Aliás, é desse lugar de disputa do senso comum que a direita mais se aproveitou, especialmente com o desenvolvimento da linguagem dos memes, que dialoga estreitamente com discursos e signos próprios das imagens e valores estabelecidos socialmente, encarregados de servir como “explicação plausível” da realidade (AMADEU, 2015, p. 223-226). Assim, a perda de espaço da esquerda nas periferias do país tem a ver também com os usos e apropriações feitas na rede por uma direita que não tem mais receios de defender seus valores liberais e conservadores.

Muito do que é mobilizado pelos jogos de linguagem presentes nos conteúdos das redes sociais da “nova direita” tem a ver com três principais vetores identificados por Amadeu (2015, p. 223-224), a saber: I) a corrupção generalizada e sistemática da esquerda no exercício do poder; II) as políticas sociais do governo como beneficiadoras de pobres que não trabalham; e III) a relação estreita entre banditismo e a defesa dos direitos humanos. Nessas ideias, há uma aproximação entre conservadorismo moral e as formas liberais de pensamento em relação à política de governo. Se pensarmos a partir

do ponto de vista da economia política, tanto no contexto brasileiro ou estrangeiro, a distância entre conservadores e liberais no pensamento não é muito grande, mas íntima, especialmente se considerado os eventos históricos e as condições concretas de manifestação desse pensamento (ALMEIDA, 2018). Para a lógica neoconservadora, as crises econômicas mais recentes não estão ligadas à quebra do chamado *Welfare State* no mundo, e sim ao intervencionismo estatal, entendido também como o responsável por romper diferenças sociais “naturais” dos indivíduos (ALMEIDA, 2018, p. 22-26)¹¹.

Como mencionamos anteriormente, os posicionamentos de direita na mídia não são novidades nos termos de sua presença hegemônica. As considerações de Lima (2015) apontam que muitos veículos foram contraditórios quando no decorrer da história se posicionaram a favor da “democracia” e da liberdade de expressão e imprensa, mas ao mesmo tempo desenvolveram narrativas de desqualificação da política (em especial a partidária), visão esta ancorada numa perspectiva que vê o “mal” do país no sistema democrático atual (o *establishment*) e na classe política privilegiada, e não nos interesses das classes dominantes e do mercado sobre os grupos historicamente marginalizados. Nesse sentido, há de se considerar que muito dessas ideias repercutem, sob novas formas, no imaginário da “nova direita” brasileira.

Outro aspecto da nova direita é sua capacidade de articular grandes pressões na esfera institucional, em exemplo o impeachment de 2016. Santos Júnior (2016), ao analisar a Rede Antipetista das eleições de 2014, considera que o contexto da época tinha como um dos pontos fundamentais o espaço comunicacional periférico, aquele que não está diretamente estabelecido no circuito *mainstream* de circulação da informação (SANTOS JUNIOR, 2016, p. 27), mas que é capaz de alterar significativamente os processos tomados pelos partidos políticos. É nesse território que significados sobre o PT se reorganizaram. Nas eleições de 2014, o antipetismo apresentava-se como uma revirada que fortalecia a direita perante a opinião pública,

¹¹ No caso dos EUA, Nancy Fraser (2020) aponta que esse pensamento, inclusive, é o que impulsionou a vitória de Trump. Com um discurso voltado à restauração da confiança das pessoas e “tornar a América grande outra vez”, principalmente no quesito renda e prosperidade econômica, o que ele na realidade entregou foi uma política de reconhecimento hiper-reacionária e um programa de distribuição aos moldes neoliberais. Nesse último quesito, a autora não vê muitas diferenças comparado às políticas de uma ala do partido dos Democratas, que também reduz igualdade à meritocracia (FRASER, 2020, p. 38). Cf. FRASER, 2020. Veremos a seguir que muito dessa perspectiva está presente nos enunciados da “nova direita” brasileira na rede.

pois representava o antagonismo à esquerda de um modo geral, à crise econômica, à corrupção e ao esgotamento das políticas sociais (SANTOS JUNIOR, 2016, p. 97).

Com o intuito de preencher o espaço de protagonismo deixado pelo PT no que se refere à capacidade de convocar a sociedade civil às ruas, as redes foram tomadas por entidades não institucionalizadas e sem propostas muito claras. Esses grupos se definiam apartidários, como o Vem Pra Rua, MBL e o Revoltados Online (SANTOS JÚNIOR, 2016, p. 78). O único intuito era derrotar o PT, tido como responsável pelas mazelas que o país passava, dado a sua hegemonia na ala da esquerda e, na visão conspiratória deles, na política, cultura e sociedade em geral. Guiados por uma nova orientação da comunicação política, os perfis que compõem essa rede serviam-se dos Conteúdos Gerados pelos Usuários para disseminar postagens contra o partido.

Entre muitas dimensões que caracterizam o antipetismo nas redes, Santos Júnior (2016, p. 85) destaca três deles: antipartidarismo, antiesquerdismo e antiestablishment. Essa tríade está ligada aos processos de construção históricos da população no entorno da política. No entanto, apenas parte desse processo é mobilizada: uma característica fundamental dessas redes e evidente nos conteúdos, é a assimetria histórica, que deixa de perceber na “análise” do PT as negociações político-ideológicas feitas durante o processo de consolidação institucional (SANTOS JUNIOR, 2016, p. 85).

Jovens na articulação da nova direita

Muito além de representantes com idade menor se comparada aos demais membros direitistas presentes nas casas legislativas, os jovens da “nova direita” se definem como lideranças dispostas à transformação do Estado sob uma nova roupagem¹². O MBL, com entidades representantes em várias regiões e Estados, é um expoente disso. Participante dos protestos de 2013, logo em 2014 formaram uma “frente anti-Dilma” após a eleição daquele ano. Definindo-se de início como um grupo antipartidário e avesso às formas de representatividade populares dos partidos e

¹² Santos (2019, p. 46-47) discute a apropriação acríica e caricatural promovida pela mídia dominante sobre a “nova direita” que surgia a partir de 2014 e protagonizada pelo MBL, na época entendido como movimento hipster e vanguardista, diferente da “velha direita”. O autor nos faz refletir a respeito do modo como o adjetivação sobre o “novo” encampa, ao contrário de uma novo conjunto de ideais da direita no contemporâneo, apenas uma roupagem diferente, recursos retóricos mais adequados para superar o estigma histórico e também tornar adequado o comportamento frente ao novo contexto das tecnologias digitais.

definidos como liberais, o MBL foi reconhecido pelas sucessivas metamorfoses¹³, uma vez que incorporou pautas conservadoras e até mesmo participou de disputas eleitorais junto a alguns partidos, obtendo êxito na eleição de vereadores sob siglas tradicionais.

Também podemos notar que grande parte das ideias que alimentam esses grupos corresponde às *think tanks* na América Latina, organizações com o objetivo de fornecer por meio de análises e pesquisas “neutras” e “científicas” – e também de modo ativista – insumos teóricos e analíticos direcionados ao desenvolvimento e adoção de políticas públicas (ROCHA, 2015, p. 265). É a partir dessas organizações que alguns grupos políticos como MBL, Instituto Millenium e Instituto Ordem Livre se apoiam, especialmente no que se refere à adoção de pautas neoliberais (ROCHA, 2015, p. 275). Além de oferecerem insumos em termos ideológicos, elas também integram uma série de estratégias de marketing voltada à difusão de conteúdos para outros grupos políticos, personalidades e veículos de mídia (ROCHA, 2015, p. 265).

Quanto à organização e suas agendas na política, é importante levar em conta as considerações de Santos e Chagas (2018). Apoiados financeiramente pelas *think tanks* internacionais, grupos como MBL surgem com a proposta de ocupar o espaço entre “uma esquerda romantizada e militante” e uma “direita velha e conservadora” (SANTOS e CHAGAS, 2018, p. 191). Eles se apoiam em novas estratégias carismáticas de cunho liberal. Como observam os autores, essas entidades oferecem entendimentos sobre a política a partir de leituras maniqueístas (SANTOS e CHAGAS, 2018, p. 192). Nas mídias digitais, há três aspectos que caracterizam a nova direita ultraliberal: I) prezam pela dimensão dos afetos; II) fazem um uso inventivo do espaço público e das mídias sociais; III) apelam para certo narcisismo político; IV) possuem perspectivas transnacionais (SANTOS e CHAGAS, 2018, p. 192). Esses grupos também se utilizam de enquadramentos pessoais de forma individualizada para elaborar suas imagens. A forma de apresentação se dá muito mais por uma frente de construções de identidades do que na articulação de interesses coletivos (SANTOS e CHAGAS, 2018, p. 199).

Mapeando os campos semânticos

¹³ “A segunda metamorfose do MBL para seguir influente no Brasil de Bolsonaro”. Revista IHU - 05 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/33F9EjO>>. Acesso em 07 out. 2020.

Para compreendermos as construções das imagens e identidades dos jovens representantes da nova direita no legislativo, optamos pelo mapeamento dos campos semânticos mobilizados pelos perfis de Holiday, Garcia e Kataguiri. Entendemos que esses campos ajudam a constituir a identidade da “nova direita” nas redes digitais. Para isso, nos servimos das contribuições de Messenberg (2015) sobre a nova direita nas redes sociais. Em sua metodologia, a autora se dedica a classificar as ideias-força dos coletivos da “nova direita” conforme os campos semânticos identificados nos discursos dos formadores de opinião de acordo com a regularidade (MESSENBURG, 2015, p. 626). Nessa perspectiva, a autora propõe uma análise voltada à descrição da cosmovisão da nova direita na conjuntura política atual. Em nossa pesquisa, além desse mapeamento, discutimos como esses campos semânticos são utilizados para construir a identidade da “nova direita” no legislativo, com destaque para as discussões presentes, a postura anti-sistêmica e a apropriação e desenvolvimento de novas linguagens nos conteúdos.

De 16 de julho a 10 de agosto¹⁴, coletamos ao todo 1592 *tweets* dos três perfis, sendo 589 do deputado federal Kataguiri, 467 do vereador Holiday, e 536 do deputado estadual Garcia. O software utilizado para a coleta foi o Netlytic, opção gratuita para “raspar” dados públicos das mídias sociais. A escolha do Twitter se deve às facilidades de acompanhamento das informações em tempo real e de categorização das postagens de acordo com nossa metodologia. Na pesquisa, categorizamos os posts de acordo com suas vinculações semânticas. Portanto, trata-se de uma análise metodologicamente do tipo qualitativa e direcionada aos conteúdos extraídos da coleta.

Diferentemente dos autores que elencamos aqui – dedicados a analisar propriamente as redes de direita (SANTOS JUNIOR, 2016) e um conjunto de perfis (MESSENBURG, 2017) – nos voltamos a observar três perfis distintos. Nesse sentido, nosso esforço está direcionado a entender como cada um deles mobiliza sua atuação política. Um aspecto a considerar é a figura pessoal, articuladora principal dos campos semânticos que iremos descrever logo a seguir.

¹⁴ Selecionamos esse período em função do limite de tempo estabelecido pelo software, que permite a extração em blocos de 7 ou 14 dias. No caso, fizemos extrações de 14 e 7 dias, além de um período de 3 dias entre uma busca e outra para análise preliminar e avaliação. Além disso, o período definido antecede as eleições municipais de 2020, evento no qual decidimos nos distanciar para evitar possíveis interferências.

No entanto, cabe expor brevemente alguns problemas teórico-metodológicos da pesquisa. O primeiro deles tem a ver com o risco de reduzir os sujeitos a partir de suas formulações discursivas. Mesmo que possamos encontrar pensamentos que justamente evitam abrir possibilidades para complexificar os assuntos e temas mobilizados em seus posts, seja pela postura um tanto contundente ou até mesmo agressiva, acreditamos ser imprescindível não perder o princípio da irredutibilidade dos sujeitos. Ainda que utilizemos de algumas classificações em nossas análises, como podemos enxergar possíveis brechas nos enunciados para entender os pormenores da nova direita jovem e as possibilidades vinculativas das suas figuras junto aos eleitores?

Campos semânticos em convergência

Durante nossa análise, notamos que o êxito da nova direita pode ser compreendido sobretudo a partir dos modos pelos quais as identidades dos seus representantes são mobilizadas em rede. Percebemos que grande parte das ideias-força, ainda que possam constituir campos semânticos específicos, estão intimamente relacionados, seja sobrepostos ou como irradiadores de generalizações sobre outra ideia-força ou campo semântico.

Tabela 1 - Campos semânticos Kim Kataguiri

Antipetismo	Corrupção do partido; Lula criminoso; Bolsopetismo
Neoliberalismo	Livre mercado; Estado mínimo; Privatização
Figura de oposição	Eficiência do mandato; Anticorrupção; Contra privilégios do setor público

Fonte: elaborada pelos autores

Tabela 2 - Campos semânticos Douglas Garcia

Antiesquerdismo	Antipetismo; Anticomunismo; Antiglobalismo
Conservadorismo moral	Antiaborto; Pró-armamento; Contra doutrinação ideológica
Figura de oposição	Defesa de pautas conservadoras; Representante conservador; Ações do deputado na Alesp; Oposição à conspiração contra conservadores

Fonte: elaborada pelos autores

Tabela 3 - Campos semânticos Fernando Holiday

Antiesquerdismo	Contra petralhas; Anticomunismo
Conservadorismo moral	Anticotas; Ideologia de gênero; Antiaborto
Neoliberalismo	Desburocratização; Estado mínimo; Livre iniciativa; Propriedade privada;

	Eficiência do Estado; Desregulamentação do mercado
Figura de oposição	Respeito ao contribuinte; Anticorrupção; Contra a vitimização; Contra privilégios; Respeito ao dinheiro público; Defesa da Lava Jato

Fonte: elaborada pelos autores

Tomamos como exemplo o campo correspondente aos princípios do neoliberalismo presente no perfil de Kataguirí. Pode-se observar que muito da mobilização das ideias-força presentes nesse campo advém do próprio antipetismo, uma vez que as organizações de esquerda são identificadas como o lócus da corrupção pelo inchaço da máquina pública, que nesta lógica corresponderia ao aumento das possibilidades de desvio de dinheiro. O mercado desregulado e aberto, com baixa intervenção do Estado, indicaria uma completa reformulação do sistema político supostamente dominado pela esquerda.

Outro aspecto dessa intersecção entre campos semânticos está presente na postura anticotas de Fernando Holiday. Ainda que reconheça que o racismo está presente na sociedade, para ele as políticas de ações afirmativas adotadas nos últimos anos para o ingresso da população negra nas universidades e concursos públicos significa, ao contrário do que se pretende, uma acentuação do racismo, pois coloca os negros como incapazes de mostrar a capacidade e méritos próprios. As cotas seriam, então, uma nova forma de racismo, pautadas na discriminação e inferioridade perante os demais. As declarações do vereador sobre o tema está longe de apenas um conservadorismo moral, pois embala uma perspectiva neoliberal de pensar as assimetrias sociais, econômicas e políticas, nivelando igualdade à meritocracia, sem dar conta de perceber as dimensões estruturais das desigualdades (FRASER, 2020, p. 38).

Quanto às posições individuais de cada um, podemos observar que a figura de oposição está presente nos três perfis, ainda que o modo como cada um conduz seja diferente. Enquanto Holiday e Kataguirí podem ser entendidos como representantes de uma política voltada ao respeito do dinheiro público e do contribuinte e contra os chamados “privilégios”, Garcia apresenta-se enquanto defensor dos interesses dos conservadores e opositor das forças conspiratórias contra o grupo que representa. Ainda nessa categoria, é evidente nos três perfis a apresentação de uma certa performance do

mandato, seja a partir da demonstração da eficiência dos gastos de gabinete quanto nas ações e projetos de lei apresentados na casa legislativa¹⁵.

O antiesquerdismo também está muito presente, indicando a permanência de uma postura que se entrelaça ao próprio campo da figura de oposição no âmbito legislativo. Longe de se constituir apenas como estratégia no âmbito eleitoral, esse campo insiste em uma atuação política duradoura, que se atualiza na medida em que os acontecimentos políticos emergem. Um exemplo disso é o antipetismo, que em Garcia e Holiday aparece como ideia-força, mas em Kataguiri adquire o status de campo semântico constituído pelas ideias-força de *corrupção no partido*, *Lula criminoso* e *bolsopetismo*, nova terminologia para instituir uma (falsa) simetria entre Bolsonaro e o PT¹⁶.

Gerando públicos e sentidos : populismos e identidades políticas

No decorrer da pesquisa, um dos tópicos era investigar de que forma a construção da identidade dos representantes legislativos da “nova direita” se dava, principalmente a partir dos campos semânticos mobilizados. Notamos que a ampla aderência aos enunciados não está ligado propriamente aos temas e assuntos, mas ao *modo* como cada um deles são levados em conta para servir de “armas comunicacionais” (SANTOS, 2019, p. 23) e vincular públicos dispersos e heterogêneos sob táticas populistas liberais e digitais (SANTOS, 2019; CESARINO, 2020).

A partir dessa constatação, podemos compreender que as identidades dos representantes da nova direita são se estruturam a partir de duas dimensões¹⁷:

1) *O reducionismo dos campos semânticos*: a alta complexidade dos temas e assuntos presentes em cada campo semântico geralmente é reduzida nos termos de um senso comum e do saber irrefletido. Percebemos que não se trata exatamente de uma discussão superficial, e sim do fechamento ao contraditório e à discussão. Alguns exemplos disso são temas como abordo, reduzido a uma perspectiva moral e não de

¹⁵ Vale salientar que isso não se trata de uma grande novidade nos termos da atividade político-eleitoral dos representantes, mas ganha novos contornos a partir dos formatos e infraestrutura nas redes digitais, especialmente em termos de possibilidades de conversação.

¹⁶ “Por que ex-aliados do presidente adotaram termo ‘bolsopetismo’ para atacar governistas”. BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53187626>>. Acesso em 11 out. 2020.

¹⁷ As dimensões que apontamos neste artigo estão limitadas ao quadro empírico que nos baseamos. Acreditamos que existam outras dimensões que ainda podem ser exploradas e descobertas.

saúde pública; cotas étnico-raciais, encaradas como forma de discriminação e racismo; gastos do Estado, geralmente sem considerar as necessidades e os limites da atuação do mercado; sexualidade e educação, simplificadas como uma doutrina ideológica.

Esse reducionismo presente na construção da identidade da “nova direita” implica em alguns problemas, como a desqualificação do debate público e a decorrente despolarização das questões e o descompromisso com o debate público, agora calcado na defesa do senso comum e conectado por uma linguagem vernacular comum muito mais preocupada com as possibilidades performativas guiadas pelo discurso condenatório e mobilização da raiva e indignação (MURDOCK, 2018, p. 22).

II) *Postura antiestablishment no poder legislativo*: no interior da esfera institucional, os representantes da “nova direita” no legislativo apresentam-se como alternativa anti-sistêmica que não apenas estão implicados em “marcar presença” na casa legislativa, mas como propositores de leis para alterar radicalmente o Estado. Percebemos nessa ideia também a negação das disputas por reconhecimento e o apagamento das diferenças em torno de denominadores comuns e “vazios” pautados no esvaziamento das questões e a criação de uma cadeira de equivalência (CESARINO, 2020, p. 99) que também é performativa.

Nesse sentido, o que está em jogo não são exatamente as contradições entre ser negro ou gay e defender pautas conservadoras que ameaçam o grupo ao qual fazem parte, mas enfrentar o *establishment* dos movimentos sociais (a militância) e os respectivos consensos desses grupos apoiando-se nas gramáticas meritocráticas-liberais.

Considerações finais

No decorrer deste artigo, buscamos apresentar alguns resultados de uma pesquisa sobre as identidades políticas da “nova direita” no Twitter. De início, nosso objetivo foi fazer uma breve revisão bibliográfica sobre o tema, considerando os novos contornos da direita a partir do advento das mídias digitais. Em seguida, descrevemos nossa proposta metodológica, voltada à coleta e posterior descrição dos campos semânticos presentes nos perfis analisados, com destaque para as relações entre eles. Ao fim, nosso intuito foi apresentar duas dimensões que julgamos pertinentes para pensar sobre o assunto atualmente.

Longe de esgotar o tema, esta pesquisa tem a proposta de oferecer uma pequena contribuição para o campo da comunicação e política, especialmente no que diz respeito à construção das identidades políticas e os significados que elas geram. Diante das mudanças que a realidade social e política nos apresenta, acreditamos que emerge também a necessidade de um pensamento que abra espaço à complexidade que se apresenta teórica e empiricamente e ajude a vislumbrar horizontes democráticos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Neoconservadorismo e liberalismo. In: SOLANO, Esther (org.). **O ódio como política**. São Paulo: Boitempo, 2018. (Edição Kindle).
- AMADEU, Sérgio. Direita nas redes sociais online. In: CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (orgs.). **Direita, volver!**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2015. 304 p.
- CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet&Sociedade**. v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020.
- COULDRY, Nick. **Media: why it matters**. 1 ed. Cambridge, UK; Medford, MA: Polity, 2019.
- FRASER, Nancy. **O velho está morrendo e novo não pode nascer**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- LIMA, Venício Artur de. A direita e os meios de comunicação. In: CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (orgs.). **Direita, volver!**. São Paulo: Perseu Abramo, 2015. 304 p.
- MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Soc. estado.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 621-648, Dea. 201.
- MURDOCK, G. Refeudalização revisitada: a destruição da democracia deliberativa. **MATRIZES**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 13-31, 2018.
- ROCHA, Camila. Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina. In: CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (orgs.). **Direita, volver!**. São Paulo: Perseu Abramo, 2015. 304 p.
- ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In: SOLANO, Esther (org.). **O ódio como política**. São Paulo: Boitempo, 2018. (Edição Kindle).
- SANTOS, Allan Carlos dos. **Os “Memes do MBL” e a Vinculação de Públicos Afetivos em Rede durante o Impeachment de Dilma Rousseff**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ, 2019.
- SANTOS, João Guilherme Bastos dos.; CHAGAS, Viktor. Direta transante: enquadramentos pessoais e agenda ultraliberal do MBL. **Revista MATRIZES**, v. 12, n. 3, p. 189-214, 26 dez. 2018.
- SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves dos. **Vai pra Cuba!!! A Rede Antipetista na eleição de 2014**. 2016. 197 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2016.
- SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.